

A Covid-19 como impulsionadora das práticas de ESG

Eliete Martins, sócia da prática de ESG Advisory da KPMG no Brasil
Ricardo Zibas, sócio da prática de ESG Advisory da KPMG no Brasil

Não é de hoje que as questões socioambientais são reconhecidas como relevantes e necessárias. Mas a pandemia tornou ainda mais urgente a implementação de boas práticas



Nos últimos anos, uma série de acontecimentos tem levado investidores institucionais e demais organizações do mundo a atribuírem importância cada vez maior às práticas ambientais, sociais e de governança, chamadas de ESG (sigla em inglês para Environmental, Social and Governance).

Hoje, enfrentamos uma pandemia, e a pergunta que fazemos é: a Covid-19 será a força impulsionadora para a efetiva implementação dessas práticas?

Mais importante do que olhar apenas para os impactos da Covid-19 nos negócios, é entender as consequências da pandemia para todos. A atual situação nos mostrou como as organizações estão diretamente conectadas com a sociedade e como os riscos ESG podem impactar muito rapidamente todo o sistema econômico mundial.

A crise afeta quase todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estipulados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Além de atingir diretamente a saúde da população e a disponibilidade dos serviços, a crise já estará acarretando o aumento da pobreza e desigualdade social, além de impor medidas emergenciais que podem reduzir significativamente os investimentos em políticas socioambientais.

Em março de 2020, o volume de títulos sociais alcançou um recorde histórico e outros mecanismos de financiamento têm sido utilizados para combater a crise. Um deles é o programa Pandemic Emergency Financing (PEF) do Banco Mundial. Adicionalmente, órgãos reguladores vêm divulgando diretrizes para



Eliete Martins

aprovação e emissão mais rápida de títulos utilizados para projetos de combate à pandemia.

Neste sentido e respondendo à pergunta inicial, a atual pandemia veio como um catalisador para a implementação das estratégias ESG. Ações e tendências que já vinham se desenvolvendo a respeito desses temas ganham agora um senso de urgência. Mais do que nunca, e as empresas estão sendo forçadas a gerenciar de perto o capital social e humano e revisitar estratégias para incorporar o verdadeiro compromisso com as questões ESG.

Também, fica cada vez mais evidente a necessidade dos conselhos de administração e executivos incorporarem nas suas estratégias e práticas de governança corporativa a adoção de práticas de ESG efetivas perante a empresa e sociedade.

Vale dizer que esse compromisso alinha-se com as orientações do Código Brasileiro de Governança Corporativa, que atribui, ao conselho de administração, a responsabilidade de considerar nas estratégias de negócios



Ricardo Zibas

os impactos das atividades da companhia na sociedade e no meio ambiente, visando a perenidade da organização e a criação de valor no longo prazo, além de estabelecer que o presidente e a diretoria devem ser avaliados com base em metas de desempenho financeiras e não financeiras (que inclui aspectos ESG) alinhadas com os valores e os princípios éticos da empresa.

Sabemos que a crise desencadeada pela pandemia demorará a passar. Mas há muitos sinais, neste momento que estamos atravessando, de que um ambiente empresarial mais colaborativo e consciente poderá florescer, pautado por propósitos de geração de valor benéficos a todos os envolvidos. Em um mundo em que as expectativas da sociedade com relação às empresas são crescentes, a incorporação dos aspectos ESG ganha notoriedade e vantagem competitiva nas organizações.

Espera-se, portanto, como cenário pós-Covid-19, que as organizações sustentem uma cultura de maior empatia e comprometimento com os aspectos socioambientais considerados crônicos no mundo. ■